



projeto
octógono
arte contemporânea

paul ramírez jonas



projeto
octógono
arte contemporânea

paul ramírez jonas

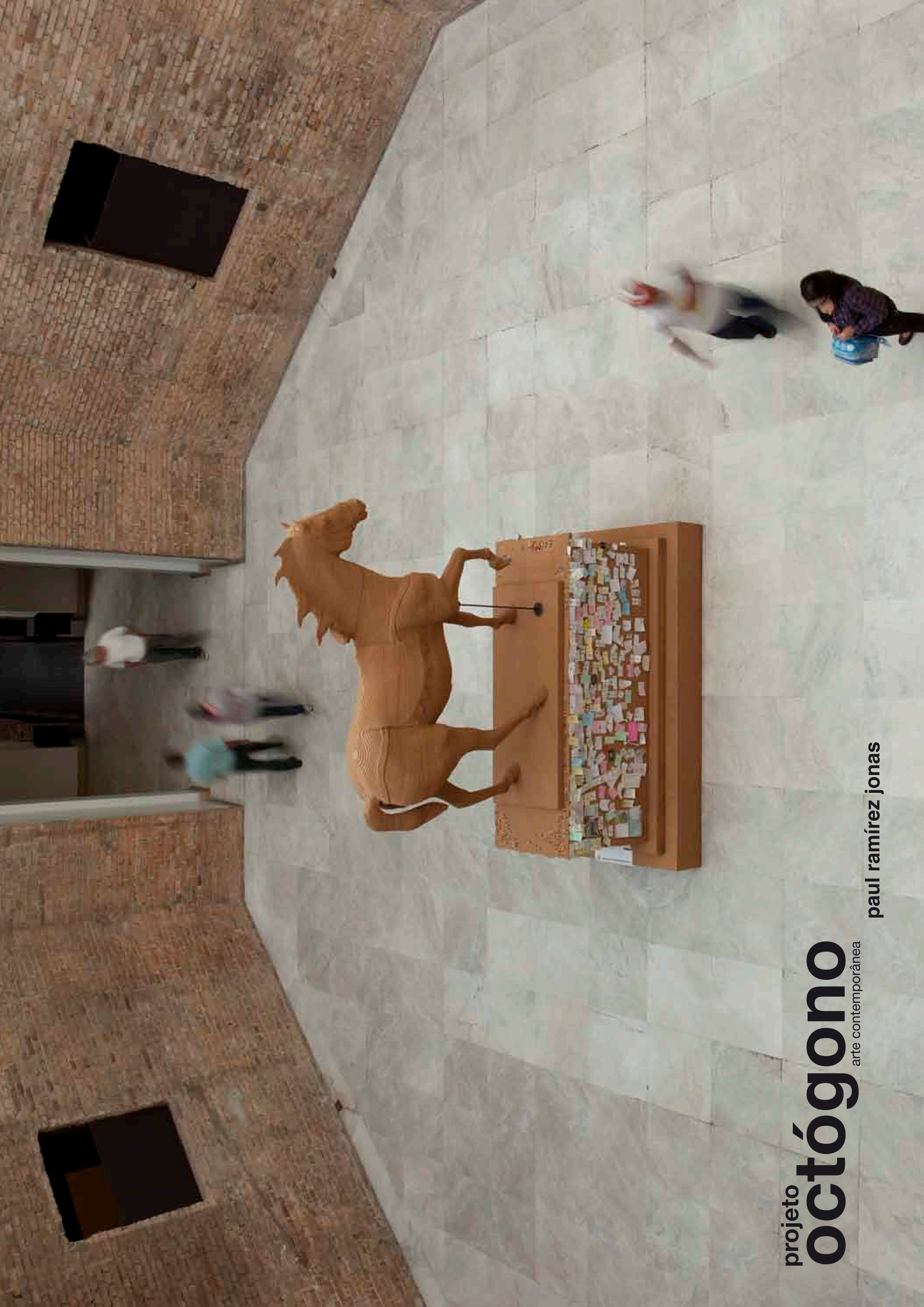


projeto
Octógono
arte contemporânea

paul ramírez jonas

projeto
octógono
arte contemporânea

paul ramírez jonas



paul ramírez jonas

domínio público

No desenho que organiza as diversas atividades do espaço urbano, sua circulação e formas de ocupação, os monumentos representam uma pontuação, a demarcação de um território coletivo – praças, pátios, cruzamentos, passeios, rotatórias – de alto valor simbólico e em dimensões que lhe asseguram presença irremovível, ou quase. Na realidade, os monumentos são manifestações que celebram os heróis e as conquistas de uma comunidade, povo ou nação. Mas são também uma estratégia fundamental na construção da visibilidade e da retórica do Estado e dos governantes, portanto estão sujeitos aos jogos e enfrentamentos pelo poder, assim como à passagem do tempo e à construção da história. Os monumentos (quando sobrevivem) balizam as múltiplas narrativas, as camadas de memórias, a passagem do tempo, aquilo que se constitui como essência da cidade.

A escultura de Paul Ramírez Jonas, *The Commons/Domínio público*, revisita o monumento eqüestre do imperador romano Marco Aurélio, na Praça do Capitólio, em Roma, que serviu de modelo para os escultores do Renascimento, e tornou-se a referência clássica para todos os artistas dessa arte desde então. Colocada no centro do Octógono, ela transforma o seu entorno, evocando, na arquitetura do museu, um pátio italiano, uma pintura, espécie de *tableau vivant**

à maneira de De Chirico, algo atemporal. Evoca, também, por estar alinhada com o eixo do edifício e direcionar o cavalo para seu exterior, o Monumento a Ramos de Azevedo, que um dia existiu em frente à Pinacoteca e hoje está na Cidade Universitária. Dessa forma, o trabalho ressalta o papel do museu como monumento – à arte e à sua história – na trama da cidade.

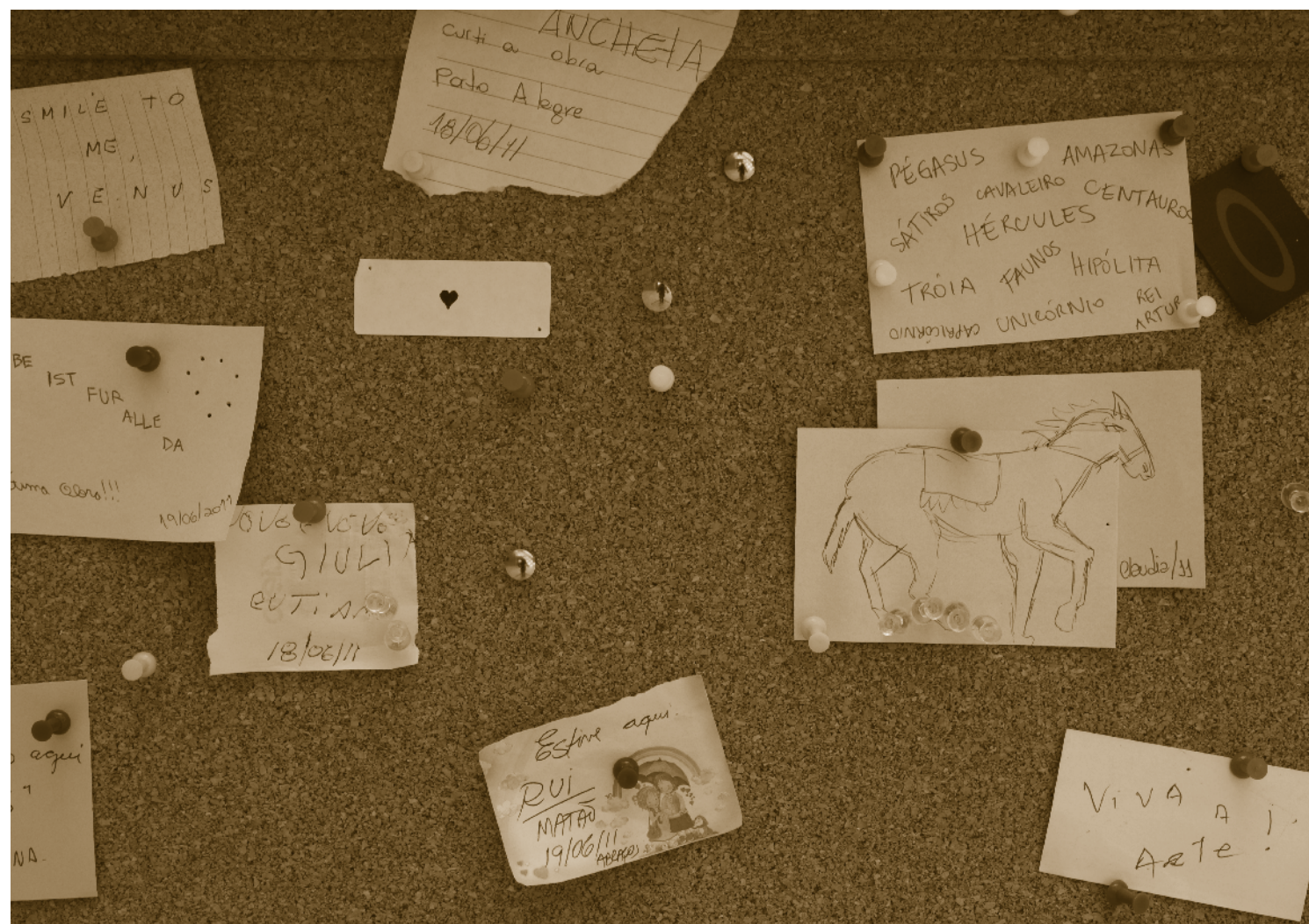
Por outro lado, a estranheza da sua materialidade, sua aparência de produto industrializado e a ausência de um cavaleiro, dão lugar a um jogo de ambiguidades e ironias, que desloca os sentidos tradicionais do monumento. A cortiça, em lugar do bronze e das pedras nobres na base da escultura, rebaixa a sua importância e o transforma em algo transitório, ordinário; a ausência de um cavaleiro, o herói, esvazia qualquer sentido de homenagem ou celebração. Não há um condutor. O monumento, então, fica à deriva, à procura de sentido, demarcando um espaço de domínio público. A locução inglesa *the commons*, entre outros sentidos, designa os bens fundiários, nas

vilas medievais, que estavam disponíveis para todos, como pastos e florestas, onde os habitantes podiam trabalhar e explorar em comum, na forma de uma propriedade coletiva.

O trabalho de Ramírez Jonas, desde os anos 1990, por meio de esculturas, objetos, instalações e intervenções em espaços públicos ou privados, fundamenta-se nas práticas contemporâneas da arte conceitual e vem problematizando noções de território e geografia, representação, público e privado, identidade cultural e democracia. Pela natureza política de seus temas, estratégias e proposições, quase sempre seus projetos envolvem ou provocam a participação do público. Propõem uma experiência de troca entre o artista e o espectador, uma mudança de comportamento, que eleva a prática artística ao exercício efetivo da cidadania. Em *The commons / Domínio público*, o visitante pode deixar uma mensagem pregada na base da escultura, disponibilizada como plataforma para todos, algo em comum. Ramírez Jonas oferece, deste modo, a oportunidade de uma celebração ou comemoração do sujeito urbano, ampliando o espaço da relação entre o pessoal e o coletivo e dando visibilidade a outros personagens na história da cidade.

*Imagem pictórica ao vivo.

Ivo Mesquita, curador
Pinacoteca do Estado de São Paulo



Legenda fotos topo da página
Rafael França e um *video-wall*. (Foto Espólio Rafael França, São Paulo)
Vistas da instalação *Polígonos regulares* na Pinacoteca do Estado, em 1981. (Fotos: Arquivo Rafael França, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo)

projeto
octógono
arte contemporânea

18.6.2011 - 04.9.2011

terça a domingo 10h - 18h
entrada até 17h30

pinacoteca do estado / praça da luz 2 são paulo / T 11 3324 1000 / www.pinacoteca.org.br



Ministério da
Cultura



paul ramírez jonas

domínio público

No desenho que organiza as diversas atividades do espaço urbano, sua circulação e formas de ocupação, os monumentos representam uma pontuação, a demarcação de um território coletivo – praças, pátios, cruzamentos, passeios, rotatórias – de alto valor simbólico e em dimensões que lhe asseguram presença irremovível, ou quase. Na realidade, os monumentos são manifestações que celebram os heróis e as conquistas de uma comunidade, povo ou nação. Mas são também uma estratégia fundamental na construção da visibilidade e da retórica do Estado e dos governantes, portanto estão sujeitos aos jogos e enfrentamentos pelo poder, assim como à passagem do tempo e à construção da história. Os monumentos (quando sobrevivem) balizam as múltiplas narrativas, as camadas de memórias, a passagem do tempo, aquilo que se constitui como essência da cidade.

A escultura de Paul Ramírez Jonas, *The Commons/Domínio público*, revisita o monumento equestre do imperador romano Marco Aurélio, na Praça do Capitólio, em Roma, que serviu de modelo para os escultores do Renascimento, e tornou-se a referência clássica para todos os artistas dessa arte desde então. Colocada no centro do Octógono, ela transforma o seu entorno, evocando, na arquitetura do museu, um pátio italiano, uma pintura, espécie de *tableau vivant** à maneira de De Chirico, algo atemporal. Evoca, também, por estar alinhada com o eixo do edifício e direcionar o cavalo para seu exterior, o Monumento a Ramos de Azevedo, que um dia existiu em frente à Pinacoteca e hoje está na Cidade Universitária. Dessa forma, o trabalho ressalta o papel do museu como monumento – à arte e à sua história – na trama da cidade.

Por outro lado, a estranheza da sua materialidade, sua aparência de produto industrializado e a ausência de um cavaleiro, dão lugar a um jogo de



ambiguidades e ironias, que desloca os sentidos tradicionais do monumento. A cortiça, em lugar do bronze e das pedras nobres na base da escultura, rebaixa a sua importância e o transforma em algo transitório, ordinário; a ausência de um cavaleiro, o herói, esvazia qualquer sentido de homenagem ou celebração. Não há um condutor. O monumento, então, fica à deriva, à procura de sentido, demarcando um espaço de domínio público. A locução inglesa *the commons*, entre outros sentidos, designa os bens fundiários, nas vilas medievais, que estavam disponíveis para todos, como pastos e florestas, onde os habitantes podiam trabalhar e explorar em comum, na forma de uma propriedade coletiva.

O trabalho de Ramírez Jonas, desde os anos 1990, por meio de esculturas, objetos, instalações e intervenções em espaços públicos ou privados, funda-se nas práticas contemporâneas da arte conceitual e vem problematizando noções de território e geografia, representação, público e privado, identidade cultural e democracia. Pela natureza política de seus temas, estratégias e proposições, quase sempre seus projetos envolvem ou provocam a participação do público. Propõem uma experiência de troca entre o artista e o espectador, uma mudança de comportamento, que eleva a prática artística ao exercício efetivo da cidadania. Em *The commons / Domínio público*, o visitante pode deixar uma mensagem pregada na base da escultura, disponibilizada como plataforma para todos, algo em comum. Ramírez Jonas oferece, deste modo, a oportunidade de uma celebração ou comemoração do sujeito urbano, ampliando o espaço da relação entre o pessoal e o coletivo e dando visibilidade a outros personagens na história da cidade.

*Imagem pictórica ao vivo.

Ivo Mesquita, curador
Pinacoteca do Estado de São Paulo

projeto
octógono
arte contemporânea

18.6.2011 - 04.9.2011

terça a domingo 10h - 18h
entrada até 17h30

pinacoteca do estado / praça da luz 2 são paulo / T 11 3324 1000 / www.pinacoteca.org.br



Ministério da
Cultura



Legenda fotos topo da página
Rafael França e um *video-wall*. (Foto Espólio Rafael França, São Paulo)
Vistas da instalação *Polígonos regulares* na Pinacoteca do Estado, em 1981. (Fotos: Arquivo Rafael França, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo)